

CEDI - P. I. B.
DATA 04, 03/94
COOP. ID 00072

Prelazia do Xingu

Caixa Postal 051
BR - 68370 Altamira - Pará
Fones (091) 515-1935, 515-1761

NOTA A IMPRENSA NACIONAL E INTERNACIONAL

Altamira, 28 de abril de 1992

A Prelazia do Xingu sente-se obrigada a tomar posição contra o estado de abandono em que se encontram os povos indígenas em seu território e a denunciar as gravíssimas violações dos direitos humanos de que os mesmos povos são vítimas.

Enquanto o Governo Federal Brasileiro por ocasião da ECO 92 gasta milhões de dólares para receber e prestigiar chefes de estado e delegações do mundo inteiro, povos indígenas, há décadas reduzidos a "restos", como os Assurini (86 pessoas), Araweté (196), Parakanã (185); Kararaô (25), Arara (150) e os remanescentes dos grupos Juruna, Xipaia, Curuaia (ao todo 500), são relegados à própria sorte.

A FUNAI está política e financeiramente tolhida de cumprir seu dever junto aos povos indígenas na manutenção da infra-estrutura necessária e no acompanhamento das aldeias no campo da saúde, educação e transporte. 70% dos recursos federais para estas atividades foram cortados. As áreas indígenas destes povos até a presente data não foram oficialmente demarcadas e homologadas, apesar de tantos apelos da parte dos próprios índios, antropólogos e da Igreja do Xingu.

Grandes firmas madeireiras (MAGINCO, BANACH, PERACHI, e outras) há anos estão saqueando as áreas indígenas. Nenhuma delas recebeu autorização do IBAMA e da FUNAI para explorar madeiras de lei em áreas indígenas. Visando lucros fabulosos aproveitam-se da situação calamitosa dos índios. Os Parakanã do Rio Bom Jardim, afluente do Xingu, não têm outra alternativa para sobreviver, a não ser trocar "mogno por pão". O mesmo ocorre entre os Kayapó do Alto Xingu, obrigados a permitir a exploração do ouro e da madeira porque, conforme se afirma: "O governo não tem recursos e os índios têm que se tornar 'autônomos'!". Além de verem suas matas rasgadas e destruídas, já sofrem as consequências da poluição dos rios pelo mercúrio. Na aldeia Djudjetykti morreram só nos meses de dezembro 1991 e janeiro 1992 cinco crianças, vítimas de doenças causadas pela água deteriorada. Vários óbitos foram registrados entre adultos do povo Parakanã.

Denunciamos a trágica situação de índios enfermos abrigados na "Casa do Índio" em Altamira. Alegando falta de recursos, os órgãos do Governo não providenciam tratamento médico-hospitalar nem transporte para os doentes. Em quartos de apenas 20 m² estão amontoados até 20 pessoas. Não há comida nem medicação. Desesperados, os índios aguardam algum gesto de solidariedade

humana, venha de onde vier, para aliviar seu sofrimento. O cacique Kayapó Kamaiurá se nega a viajar a Altamira para um tratamento, há tempo necessário: "Não vou a Altamira! Lá é só para morrer!"

Enquanto em vários países do mundo se começa a celebrar com solenidades e muito triunfalismo os 500 anos desde o "descobrimento" da América e monumentos aos conquistadores do século XV, são erguidos, aqui no Xingu descobrimos hoje entre os descendentes dos primeiros povos desta terra o macabro quadro da fome, da doença e da morte. A resposta dos órgãos governamentais é o silêncio e o esquecimento.

A Prelazia do Xingu entende que sua missão é a de ser sinal da presença de um DEUS justo e solidário que ao mesmo tempo é Pai e Mãe de todos os povos. Há muitos anos a Prelazia procura responder aos apelos dos índios desta região. Dentro de suas possibilidades sempre atende da melhor forma possível aos legítimos anseios dos povos indígenas, também no campo da saúde, da educação, da habitação e do transporte.

No entanto, a Prelazia do Xingu não quer e nem pode assumir a suplência de órgãos federais que descuidam de suas obrigações, previstas na própria Constituição.

Causa revolta que se pretende celebrar os 500 anos da América e realizar suntuosamente a ECO 92, enquanto os índios Parakanã, Arara, Araweté, Assurini e Kayapó-Xikrin estão à beira do extermínio.

Erwin Krautler

+ Erwin Krautler
Bispo do Xingu